

**ELIANE
BRUM**

Meus desacontecimentos



nossa vida é nossa primeira ficção

Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa. Como cada um habita-se.

Desta vez, fiz um percurso de dentro para dentro. Me percorri. Lembranças não são fatos, mas as verdades que constituem aquele que lembra. Recordações são fragmentos de tempo. Com elas costuramos um corpo de palavras que nos permite sustentar uma vida. Quem conhece as pessoas e as situações aqui contadas poderá rememorar-las por outros caminhos, a partir de suas próprias circunstâncias. Ao descrever aqueles que morreram, possivelmente confronto as reminiscências de outros. Os que ainda vivem talvez discordem do que neles adivinho porque enxergam a si mesmos de modo diverso.

Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira.

prelúdio

Lembro que, quando tudo começou, era escuro. E hoje, depois de todos esses anos de labirinto, todos esses anos em que avanço pela neblina empunhando a caneta adiante do meu peito, percebo que o escuro era uma ausência. Uma ausência de palavras. Essa escuridão é minha pré-história. Eu antes da história, eu antes das palavras.

Eu caos.

o túmulo morto

Desde o início o mundo doeu em mim. Dentro, mas também fora. Alguns creem que as memórias da primeira infância ou são boas ou não existem, temerosos de que até o mito da infância feliz lhes escape. São os que preferem não lembrar. Eu lembro muito, sempre lembrei. E ainda hoje há noites, muitas noites, em que acordo com o coração descompassado. Sempre vou temer o retorno da escuridão, que para mim é o mundo sem palavras.

(Sempre e nunca, palavras totalizantes que sentam sobre as minhas frases. Proibidas no jornalismo, porque impossíveis. Em mim, elas dão conta de uma dramaticidade. Morrer sempre. Morrer nunca. Anulam-se as oposições e instala-se o drama.)

A morte é o mundo sem palavras. E é curioso que minha primeira lembrança seja a morte. Como se eu tivesse nascido morta. E a vida só tivesse acontecido alguns anos depois, quando eu já era um zumbi crescido.

Nasci não de um, mas de vários túmulos. O primeiro deles foi o corpo da minha mãe, assassinado pela morte da criança que veio antes. Uma menina, a primeira menina.

.....

Hoje compreendo tanto essa dor, jamais por inteiro, espero que jamais por inteiro. Não tive a coragem de perguntar, mas imagino o quanto deve ter sido aterrorizante para a minha mãe descobrir seu útero se expandindo, a pele da barriga espichando, o corpo habitado de novo, agora pelo pequeno *alien* que era eu. Deve ter sido assustador ver o que era morto viver, ou pelo menos parecer vivo.

Durante a infância minha mãe nos carregou, a mim e a meus irmãos, para o túmulo da filha que morreu. Minha irmã, a Maninha. E esse «carregou» tem mais sentidos do que o literal. Talvez minha mãe não pudesse acreditar e precisasse repetir, repetir, repetir. E a cada repetição, eu, a filha viva, sentia que a viva era a outra. E, mais morta do que viva, eu falhava em fazer renascer as partes ausentes da minha mãe. Só muito mais tarde eu descobriria que esta é a sina dos filhos que sobrevivem, chapinhando no lago escuro e sem fundo que é a dor sem consolo de pais órfãos.

Diante daquele túmulo, eu me esforçava para chorar, eu tentava sofrer pela outra, mas não conseguia. Poderia ser uma cena de cinema. A menina pequena de vestido rodado, com uma chiquinha na cabeça, diante do túmulo de onde um anjo com asas a olhava. Mas, se alguém espiasse os meus pensamentos, saberia que eu sentia um alívio culpado pela morte da outra. Intuí que, se ela não tivesse morrido, eu não teria nascido. E mesmo torta, mesmo sendo um anjo de pernas tortas, eu queria viver. Mas não sabia como. Não ainda.

Sentia um medo quase paralisante, um medo ainda sem vogais e sem consoantes, de que minha mãe me trocasse

se descobrisse um jeito de fazer isso. E que um dia fosse eu a filha morta que a família visitaria no cemitério. E ela, aquela que me olharia sem pena, vitoriosa, do lado de fora. Acho que foi aí que a insônia se alojou nas minhas noites. Eu temia que, se não me mantivesse vigilante, essa transmutação pudesse ocorrer nas costas dos meus olhos. Quando despertasse, seria eu a filha sepultada. Muitas foram as noites em que acordei berrando e me batendo nas paredes do berço, desesperada por luz. A pequena morte que é dormir, na minha fantasia, assumia a possibilidade concreta de tornar-se a morte definitiva. Eu veria a outra crescer do meu túmulo.

Eulávide.

a casa escura

Minha família vivia num apartamento velho quando eu nasci. Era grande e escuro, em cima da casa da minha avó. Do meu avô também, mas ele não contava. Essa casa ficava diante da praça, bem no centro. A praça era um ponto de armistício, território neutro a separar as duas grandes igrejas, a católica e a protestante. Ou a nossa e a dos alemães. Para mim, a sem relógio e a com relógio. Cenário (des)acomodado numa cidade de terra vermelha chamada Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul. Uma cidade de uns 70 mil habitantes, onde na primavera o vento faz redemunhos sanguíneos na deserção do domingo. Uma cidade com domingos demais, domingos cheios de dentes.

Vivi nesse apartamento até os cinco anos. Eu o detestava, por causa do escuro, mas por pouco não morri quando tive de deixá-lo. Tudo para mim era muito mortífero, tudo era quase morte. Na véspera da mudança, meus rins se infectaram, e cheguei a ser desenganada pelo médico. Comigo no hospital, minha mãe teve de delegar a mudança ao meu pai. Desconhecido das coisas da casa, a qual

habitava como um hóspede um tanto sonâmbulo, ele fez uma confusão que se tornou destaque na crônica familiar.

Essa é uma literalidade minha, que mais tarde as palavras atenuariam. Apenas atenuariam. Vivo tudo no corpo. Às vezes me perguntam o que aconteceria comigo se não existisse a palavra escrita. Eu respondo: teria me assassinado, consciente ou não de que estava me matando. É uma resposta dramática, e eu sou dramática. O que tento dizer é que, se não pudesse rasgar o papel com a caneta, ainda que numa tela digital, eu possivelmente rasgaria o meu corpo. E, em algum momento, o rasgaria demais.

(Em momentos transtornadores, como o que vivo enquanto reviso este livro, as palavras me exasperam com sua insuficiência e o corpo começa a doer de falta. Ao concluir a história — ainda em movimento — da minha vida com as palavras, perdi a consciência do meu corpo antigo e passei a colecionar desastres domésticos por calcular mal meus passos e meus gestos. Neste exato instante, busco caminhos para descobrir qual é o meu corpo, agora que me ofertei em letras a um leitor desconhecido. Investigo os contornos da mulher oculta que, inquieta, espera para nascer. Com este livro, um corpo morreu. É preciso encontrar a forma de outro. Um percurso que, em mim, se faz com palavra e carne.)

Mas continuemos.

Meu pai tinha construído uma casa para se casar, como se esperava de um homem de bem, e plantado roseiras de várias cores, tão bonitas que vinha gente espiar nos finais de semana. Quando minha irmã morreu de uma doença

.....

misteriosa, com apenas cinco meses de vida, foi velada nessa casa. Aprendi a reconhecer minha irmã nas fotos, minha irmã loira de olhos azuis que eu estudava durante horas nos álbuns de família. Procurando, procurando. O que eu tanto procurava?

Só tarde demais, para minha irmã e para todos nós, o que a matou em menos de 24 horas foi diagnosticado como um tipo raro e fulminante de meningite. Na maldade da cidade pequena, que eu tão bem conheceria depois, ao engravidar aos quinze anos e me recusar a casar, minha mãe foi culpada. Teria deixado leite estragado na mamadeira, comentavam. E, para a banalidade do mal, como nos mostrou Hannah Arendt, sempre bastou a ação de alguns e a omissão de todos os outros. Ela sabia que não, a minha mãe, mas talvez em algum momento tenha começado a acreditar que só poderia ser culpa dela, que tantas bonecas tinha sepultado na infância, menina que não queria repetir a sina das mulheres do seu tempo, menina quase menino.

Para minha mãe, tornou-se insuportável viver entre paredes que tinham velado a filha morta. A casa foi deixada para outros. As roseiras morreram, e ninguém as velou. Meus pais e meus dois irmãos mais velhos mudaram-se para o apartamento onde, cinco anos depois da morte de minha irmã, eu nasci para reatar os fios. Mas como, se já nasci partida?

Dizem que meu pai quebrou um vaso do hospital ao saber do meu nascimento. Meu pai, tão sério, tão contido, quebrou.

.....

Era eu o vaso quebrado? Quinze anos depois, quando eu mesma me abri para parir uma menina loira de olhos azuis, me senti um vaso quebrado. Eu era cacos, mas meus sanguinolentos cacos de carne não formavam nenhum vitral. Ou pelo menos não um que eu pudesse enxergar. Eu fechava os olhos e só via cacos. Vaso ruim não quebra, me diziam. Quebra, quebra sim, eu queria dizer.

Por muitos anos, muitos, fui esse vaso quebrado, até me surpreender um dia pensando em mim sem ser como cacos de mim. Mas esta é uma história que vem depois. Quando se escrevem memórias de palavras, os tempos se misturam. O passado não existe, assim como o futuro. O que há é um eu inventando um passado e um futuro, no presente. Que em seguida escapa. O presente como um tempo que não existe, uma impossibilidade lógica. A primeira vez que vi um cachorro perseguindo o próprio rabo, em círculos cada vez mais apertados, me comovi até as lágrimas. Tantas vezes acreditei estar avançando, mas apenas retornava à infância, em círculos cada vez mais apertados. E este, apesar do que parece, é todo o avanço possível. Até morrermos em posição fetal.

A percepção de que o mundo era um túmulo me fundou. Minha primeira memória é a escuridão desse apartamento enjambrado, onde o sol pouco entrava. Me vejo sentada no chão, perto da porta, gritando até minha avó vir me resgatar com suas pernas artríticas. Eu era uma criança silenciosa, que quando abria a boca gritava sem parar. Silenciosa e gritadora, acho que sou assim até hoje.

.....

Em contraposição a essa realidade sem luz, eu tinha pela memória dos outros a casa ensolarada dos tempos felizes da minha família, dos tempos em que ela ainda não havia sido bafejada pela morte. A casa construída com amor pelo meu pai nos finais de semana de folga. A casa com jardim. Muitas e muitas vezes eu fiz meu pai repetir como eram aquelas roseiras de várias cores. E admirava as mãos do meu pai, capazes de criar rosas de até quatro cores, na mesma flor.

Essa irmã, que era um túmulo no cemitério, um túmulo que ninguém da família conseguia fechar, muito menos eu, havia me roubado a casa, o sol, as roseiras, a luz. Passei a infância pedindo ao meu pai que plantasse roseiras, mas já não havia onde. Percebo agora que nunca perguntei ao meu pai como era ser um homem sem rosas. Como é, pai, como é ser um homem sem rosas?

A dor do meu pai era calada e só há pouco, ao abrir uma pequena caixa de madeira onde ele guarda suas medalhas de colégio e outros dos pequenos grandes detalhes de sua trajetória, descobri um pedaço de jornal cuidadosamente recortado. Era o anúncio da morte da minha irmã. Da filha deles. Meu pai tinha dado um lugar para aquela morte, um lugar de vida, naquela caixinha em que vitórias e derrotas se misturavam. Ele tinha quase oitenta anos quando me contou que, depois que a sepultaram, seguiu-se uma noite de tempestade. Na casa onde velaram a filha, ele e minha mãe se agarraram um ao outro, náufragos, varados de dor imaginando seu bebê tão pequeno, tão indefeso, sozinho no meio do aguaceiro.

.....

Enquanto acreditei em Deus, e só acreditei até os onze anos, eu rezei antes de dormir por um milagre: acordar no dia seguinte com olhos azuis e cabelos loiros como os da minha irmã. Quando amanhecia, eu saltava da cama e corria a me olhar no espelho. E lá estava eu, marrom e imperfeita.

Décadas mais tarde, entre 2008 e 2010, eu empreenderia como repórter uma travessia funda pela morte. Não a morte violenta que está nos jornais, mas a morte silenciada — e silenciada por ser a morte que a maioria de nós terá. A morte por doença, a morte por velhice. Na primeira reportagem, acompanhei Ailce de Oliveira Souza, uma mulher com um câncer incurável, nos derradeiros 115 dias da sua vida. Na última, testemunhei a rotina de uma unidade hospitalar de recém-nascidos que, por malformação ou por doença, morreriam ao nascer ou mesmo antes, às vezes um pouco depois. Só naquele momento, ao apalpar a dor das mulheres cujas crianças viveram mais no seu desejo do que na vida, alcancei a soleira da dor da minha mãe por aquela filha. Maninha não tinha vivido apenas cinco meses, já que o tempo de um filho não se mede por dias, meses ou anos. Um filho é mundo sem tempo. Eu estava diante de mulheres empaladas pela dor. O resto era mal-entendido. Há mal-entendidos demais numa vida humana.

irmãs

Minha irmã me deu uma *bio*, já que eu não nasceria se ela não tivesse morrido. Eu agora lhe dou uma *grafia*. Aqui consumamos nossa fusão, mas também a separação definitiva.

Meus desacontecimentos

«Lembro que, quando tudo começou, era escuro. E hoje, depois de todos esses anos de labirinto, todos esses anos em que avanço pela neblina empunhando a caneta adiante do meu peito, percebo que o escuro era uma ausência. Uma ausência de palavras. Essa escuridão é minha pré-história. Eu antes da história, eu antes das palavras. Eu caos.»

Era uma vez uma menina que parecia estar sempre a piscar o olho à morte. Essa menina revela, neste livro, como foi resgatada pela escrita. A cada página, desfilam, vivíssimos, lugares e personagens fantasmáticos, que pertencem ao imaginário coletivo ou a um álbum de família: a «casa-túmulo»; a praça da cidade pequena; a irmã morta, que é afinal a mais viva entre todos; a mãe, despovoada de alegria; o pai, filtrado pela sombra de peripécias domésticas e de um país amordaçado; a avó, comedida em tudo menos na imaginação; as tias, transformadas em flores para não murcharem.

Meus desacontecimentos marca a estreia em Portugal de uma escritora singular e multipremiada, que aqui regista a história da sua vida *com* as palavras: um relato delicado, impressionante e inquietante sobre como nos tornamos quem somos a partir da língua, da escrita, da memória. Neste itinerário de dentro para dentro, afiadíssimo e despudorado, Eliane Brum conta como se tornou uma narrativa de si, conduzindo o leitor numa viagem encantatória.

não-ficção literária | 5



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897876059



9 789897 876059 >